

A dissertação de Paulo F. C. Mourão, defendida em 1994, tem uma grande contribuição para a compreensão da industrialização do Oeste do Estado de São Paulo por várias razões: pela sua discussão inicial sobre as teorias de localização industrial; pelo resgate da história das diferentes empresas que definiram o perfil industrial de Marília, tanto no que concerne aos aspectos de sua inserção no espaço considerado, quanto de sua organização interna; pela discussão dos sistemas industriais e como eles se manifestam em Marília; e também pela inferência da ligação indústria - meio ambiente, que vai além das abordagens mais conhecidas, que se atêm apenas ao fato industrial.

Para demonstrar seu conhecimento do tema, Mourão foi buscar sustentação em alguns autores consagrados, uns mundialmente conhecidos, outros mais conhecidos apenas no Brasil, mas todos importantes para a construção de sua pesquisa. Assim, encontramos debatidas as idéias de Max Weber, François Perroux, Manuel Castells, Alain Lipietz, Alan Scott & Michel Storper, Claude Manzagol, Pierre George, Milton Santos, Ignácio Rangel, Manuel Scabra & Léa Goldenstein, Armen Manigonian, Wilson Cano.

Por outro lado, alguns conceitos também são introduzidos em sua análise que se torna pioneira, porque é datada de 1994: fordismo, produção flexível, desenvolvimento regional, território. Esses conceitos são enfocados pela prismática da industrialização de alguns países do Terceiro Mundo.

O principal objetivo da pesquisa foi "analisar a dinâmica da atividade industrial na cidade de Marília, desde suas origens até os dias atuais (...) num contexto de crise capitalista e de eclosão de uma nova revolução industrial" (p. 1).

Para buscar atingir seu objetivo, o autor inicia com algumas questões sobre a cidade de Marília: "a) como nasceram suas indústrias?; b) como se expandiram nas diferentes etapas do processo de industrialização brasileiro?; c) como funcionam as indústrias de Marília na conjuntura econômica atual e quais seus problemas?; d) como se organizam no interior do espaço urbano?" (p. 2).

A partir daí, o autor procura, na sua sequência de capítulos, responder a essas questões analisando algumas idéias dos autores citados e as informações que obteve na sua pesquisa de campo.

No primeiro capítulo, as questões são eminentemente teóricas. As teorias burguesas de localização industrial são interpretadas sob a ótica marxista. Também comparecem discussões sobre o conceito de território (p. 20) e a industrialização em países do Terceiro Mundo (p. 24), no confronto dos conceitos de fordismo (p. 11), produção flexível e desenvolvimento regional (p. 26-34).

No capítulo dois, a industrialização brasileira enfatizada pelo processo de industrialização paulista tem sua análise a partir das contribuições de Manigonian, Rangel, Cano, Maria Flora Othake e Francisca Vieira. O autor ultrapassa as explicações que vêem no binômio café-indústria a base do desenvolvimento paulista, resgatando – corretamente - o papel dos imigrantes (italianos e japoneses), num primeiro momento. Posteriormente, quando trata da expansão industrial para o interior, equivoca-se, baseando-se em Azzoni, ao falar de "descentralização" industrial (p. 46), quando na verdade São Paulo viveu um processo de desconcentração industrial consolidado pela centralização econômica crescente na capital, associada a um processo de desindustrialização comprovado pelo fechamento de estabelecimentos industriais do tipo fordista.

No capítulo seguinte, ao analisar especificamente o caso de Marília, o papel dos imigrantes – que vão dinamizar o setor industrial com seu capital e sua capacidade técnica - e da pequena propriedade rural - que vai abastecer o setor industrial da matéria prima necessária – com o auxílio fundamental das idéias de Pierre Monbeig, Mourão demonstra a evolução industrial, ao nosso ver, de maneira coerente com sua proposta inicial.

Utilizando-se sempre de um raciocínio dedutivo, no capítulo quatro o tema principal vai ser o funcionamento das indústrias, ao analisar: "a) estrutura dos gêneros, das empresas e dos estabelecimentos; b) a estrutura dos mercados e das matérias primas; e c) a organização do trabalho, a mão-de-obra, os equipamentos e os financiamentos" (p. 96). Neste capítulo, são discutidos os principais ramos industriais, o papel do capital estrangeiro, que vai incorporando empresas em momentos de crise conjuntural (p. 106), como é o caso das aquisições feitas pela Nestlé (p. 121-123); o papel do capital nacional, como resistência à

força do capital transnacional (p. 124), e as relações da indústria com a produção artesanal (p. 119), como saída para as relações que estabeleceram a flexibilidade na dinâmica das empresas industriais de Marília.

A estrutura dos mercados é enfocada em seguida sem, infelizmente, que o autor trate do caso do Mercosul, já presente, em 1994, como bloco que busca a diminuição das taxas nas fronteiras – na relação importação/ exportação – como forma de expandir a circulação de mercadorias entre os seus países membros. No entanto, a competitividade (ainda muito fraca) das empresas de Marília e sua flexibilidade na produção são bem debatidos (p. 148-149), a partir dos sistemas internos das empresas, que apontam para a organização do trabalho e as formas que elas utilizam para incorporar novas tecnologias e novas relações de trabalho.

Como principais problemas, ao final deste capítulo, Mourão destaca a dificuldade das empresas em termos de suprimento de água e na utilização de redes de esgotos, numa relação com a questão ambiental, muito presente no atual estágio de industrialização brasileiro.

No capítulo cinco, o assunto é a organização do espaço urbano industrial. Para o autor, após comparar os três grandes setores da economia, a “indústria atua como um elemento importante na manutenção do papel centralizador de Marília” (p. 214) e se territorializa em três áreas principais no espaço urbano: a) no centro; b) no Distrito Industrial, situado a leste da cidade; e c) ao longo das rodovias Marília – Bauri e Transbrasiliana (BR153), na direção de Ourinhos. Com as mudanças intraurbanas que estão ocorrendo, a área central tende a perder os maiores estabelecimentos, devido “aos elevados preços dos imóveis e dos aluguéis na área, que dificultam qualquer ampliação” (p. 223), provocando o surgimento de vários edifícios abandonados – que se tornam reserva de valor para os proprietários, mesmo considerando-se o caráter decadente do espaço industrial – que requerem uma política explícita de reabilitação e revitalização do centro da cidade. A visualização do que o autor analisa pode ser feita pelas fotografias inseridas no texto.

Nas considerações finais, Mourão mostra que a indústria de Marília sustenta-se nos ramos de biscoitos e balas (genericamente alimentos) e esquadrias metálicas (metalurgia) principalmente, com estabelecimentos de tamanho médio associados a pequenos estabelecimentos que sofrem mais os efeitos das crises econômicas conjunturais. É necessário, além do mais, diz o autor, estabelecer políticas que procurem superar os efeitos da crise, principalmente numa economia de aglomeração local como Marília. Para tanto, ele propõe: a) efetivação de cursos técnicos para qualificar a mão-de-obra; b) implantação de uma indústria intermediária para beneficiar matérias primas importantes para o setor; c) melhorar os distritos industriais para atrair novas indústrias ou transferências da área central; d) planejamento habitacional para alocar a força de trabalho em áreas bem servidas de infra-estrutura; e e) solucionar problemas ambientais de abastecimento e escoamento de águas.

Enfim, podemos dizer que a contribuição de Mourão para a Geografia Industrial pode ser resumida da seguinte maneira:

1. resgate da ocupação territorial do Oeste Paulista, principalmente da área de Marília, com base no seu processo de industrialização;

2. verificação da dinâmica industrial da cidade de Marília, a partir da origem dos capitais locais e do papel do capital transnacional, nas relações de criação e de compra e venda de empresas;

3. na constatação de que as formas de produção flexível e de terceirização (principalmente no que concerne à utilização do trabalho industrial artesanal) já se manifestavam em Marília nos anos 70, antes de sua ocorrência mais intensa em estudos acadêmicos e de comparecer como novidade na imprensa nacional.

É por essas razões que o presente trabalho merece destaque e deve servir como referência para todos aqueles que querem conhecer um processo de industrialização diferenciado no Estado de São Paulo e que pode servir como comparação para outros estudos de caso no Brasil.